

Sobrecarga do HRAS provocou inchaço

O Hospital Regional da Asa Sul, inaugurado há 24 anos, nunca cumpriu sua filosofia inicial, que era a de atender, nas unidades especializadas, só gestantes e crianças de alto risco. Hoje, sem que nenhuma reforma física fosse feita em suas instalações, o HRAS é responsável pelo atendimento, não só do DF, como também de grande parte do Entorno. Para reverter este quadro, segundo o médico chefe da maternidade, Paulo Roberto Margoto, não adiantam apenas as melhorias imediatas prometidas pelo secretário de Saúde, Jofran Frejat, mas "que seja implantada uma política de saúde hierarquizada e regionalizada".

Esta política poderia contribuir diminuindo o problema do número excessivo de pacientes que abarrotam o hospital. Com assistência à mãe ainda na unidade de regional. Ele exemplificou a situação caótica do hospital quando, no ano passado foram atendidos em média 600 bebês

por mês, com apenas oito leitos. Ontem, se encontravam 51 recém-nascidos nas salas de alto risco, sendo a maioria perfeitamente saudáveis. Este quadro, segundo Margoto, não pode ser esquecido já que "as crianças que precisam de ventilação mecânica e outros atendimentos específicos têm seus leitos ocupados desnecessariamente".

A fama do hospital em atender gestantes e recém-nascidos está contribuindo para aumentar o número de mortalidade infantil, que ainda é aceitável, de 11,59 por cento em cada mil, conclui o médico.

Berçário — O déficit de auxiliares de enfermagem tem sido preocupação por parte dos médicos. Durante a madrugada, apenas uma auxiliar toma conta de 50 bebês, diariamente, no berçário. Assim, as medidas de caráter urgente que Frejat prometeu, não resolverão o problema. Muitos acreditam em melhorias, mesmo que os resultados ainda

caminhem em marcha lenta, constatou uma funcionária do ambulatório de cardiologia. Ela disse que as lâmpadas ainda não chegaram e que muitas vezes teve que apelar para doações de outros hospitais da rede para conseguir outros materiais de uso importante.

A médica Rosa Maria Maris, chefe da emergência infantil, funcionária desde a fundação do hospital, assegura que a estrutura física contribui para a precariedade do atendimento. Ela disse que a demanda aumentou, sem que houvesse mudança física. Ontem, os 26 leitos na parte da manhã, já abrigavam 29 crianças, sendo que na emergência da maternidade a situação ainda é mais grave, com um atendimento de 30 a 40 partos por dia com apenas dois boxes e duas camas. Para haver uma melhora no atendimento, Rosa Maria só acredita em uma campanha educativa para conter o fluxo de pacientes vindos do Entorno.